

Armas compradas em Lisboa mataram Evo Fernandes

25
29/4/88 p. 15
no. 658

As armas de calibre 6,35 usadas no assassinio de Evo Fernandes foram compradas num armeiro de Lisboa e há fortes indícios de que os dois suspeitos procurados pela Judiciária estejam em Marrocos ou em França. Um mandado internacional de captura já foi emitido.

O juiz de Instrução Criminal ligado às investigações emitiu dois mandados de captura, posteriormente difundidos internacionalmente pelas autoridades portuguesas, pedindo as prisões de Xavier Chagas e de Joaquim da Conceição Messias.

De acordo com fontes próximas da investigação a que «O Jornal» teve acesso, admite-se que os dois suspeitos tenham abandonado o nosso país, e era dado como provável que os fugitivos se encontrassem em França ou em Marrocos.

No entanto, na terça-feira à noite, a Judiciária afirmava publicamente estar convencida de que Alexandre Xavier Chagas ainda se encontrava em Portugal.

A autoria do crime e as razões da acção que levou à morte do ex-secretário-geral da Renamo continuam a ser alvo das mais diversas interpretações.

Fonte próxima de Evo Fernandes disse-nos estranhar que ele tenha acedido a encontrar-se com Alexandre Xavier Chagas, dado ter informações que seriam pouco abonatórias sobre aquele indivíduo, o qual, em tempos, trabalhou para responsáveis da Renamo.

Recorde-se que o porta-voz da Renamo em Lisboa disse que a organização desconhecia qualquer ligação de Xavier Chagas aos serviços secretos moçambicanos. Um antigo dirigente da organização afirmou a «O Jornal» que utilizou pessoalmente os seus serviços.

Refira-se, por outro lado,

que tudo indica que João Carlos Esteira, membro da DISA, esteve em Portugal nos dias que antecederam o rapto. Em contraposição, a Agência de Informação Moçambicana divulgou testemunhos de pessoas que estiveram, em Moçambique, com Bonifácio Gruveta, um oficial que fora apontado, na passada semana, como uma das pessoas com quem Evo Fernandes se deveria encontrar em Portugal.

De assinalar, ainda, que as várias declarações e revelações vindas a público apontam para que o ex-secretário-geral da Renamo era um dos entraves ao estabelecimento de negociações entre aquela organização e o governo de Moçambique, aproximação que interessa a vários países e a poderosas empresas multinacionais.

Ministro moçambicano recusa acusações

Ontem, quinta-feira, chegado a Lisboa, o ministro

Pascoal Mocumbi disse que «toda a tentativa de procurar envolver a Frelimo em actos de terrorismo deve ter como objectivo tentar obscurecer o céu tão claro e límpido das relações entre Portugal e Moçambique».

O ministro dos Negócios Estrangeiros considerou o assassinato como sendo «um acto de terrorismo em relação a um agente promotor do terrorismo» e que a «a Frelimo nunca praticou o terrorismo, nem nos seus métodos nem na sua prática».

Embora coincidente com o decorrer das investigações sobre a morte de Evo Fernandes, a visita de Pascoal Mocumbi parece não estar com elas relacionada. Atribuindo a viagem à necessidade de estreitar a cooperação, autoridades dos dois países salientam que esta visita estava marcada há várias semanas e que o convite fora formulado por João de Deus Pinheiro, em Outubro do ano passado.